

Os Congressos Americanos Missionários e a missão *ad gentes* a partir da América Latina

de Estêvão Raschiatti

Os Congressos Americanos Missionários (Cam)vêm de uma história de quase 50 anos. Nasceram como Congressos Missionários Latino-Americanos (Comlas) em 1977, à esteira dos Congressos Missionários mexicanos, que por sua vez começaram a ser celebrados em 1942.

Desde seus primeiros albores, esses eventos tiveram como finalidade específica animar, motivar, articular e fortalecer a vocação missionária universal nas igrejas locais do continente, em vista de uma maior e decidida cooperação missionária intereclesial com igrejas de outros continentes, sobretudo em termo de envio de missionários e missionárias da América para o mundo. Trata-se do que chamamos habitualmente de missão *ad gentes*, os seja aos “povos não-cristãos”, ou melhor, aos contextos em que os cristãos são minorias, as igrejas incipientes, dispersas, pobres ou perseguidas, ou também às situações de conflito, de abandono, de emergência humanitária, que clamam por solidariedade, justiça, reconciliação e paz.

Depois de ter celebrado 11 edições destes congressos (5 Comlas e 6 Cams) ao longo de cinco décadas, prestes a realizar o 12º evento, está na hora de fazer um balanço. Os Cam-Comlas mobilizaram igrejas, investimentos, reflexões, debates, preparações e engajamentos a nível regional e continental: em que medida conseguiram criar processos, realizar eventos significativos, concretizar suas propostas e atingir seus objetivos?

Os processos de preparação. Sem dúvida, foi a parte mais interessante e produtiva dos congressos missionários continentais: envolveram pessoas, comunidades, organismos, junto a debates, reflexões, testemunhos, em torno de um leque de temas bastante amplo. Com efeito, a compreensão que nós temos hoje de missão abrange toda e qualquer atividade da Igreja, sendo que essa missão emana da própria natureza divina.

Os Cam-Comlas precisaram ter em conta a missionariedade fundamental da Igreja e da vida cristã, motivá-la, animá-la, alimentá-la, mas sem perder o foco do compromisso missionário universal. Precisaram também ter em conta o passado missionário da América, a cristianização dos povos ameríndios e africanos, os desafios atuais frente ao mundo pós-moderno e pós-cristão, junto com as devidas ponderações sobre os sujeitos da missão, compromisso inerente à comunidade cristã, mas quase sempre jogado nas costas de uns poucos enviados (DAp 379).

Os temas escolhidos para os Cam-Comlas, a preparação dos textos-base, a realização dos congressos regionais, nem sempre conseguiram harmonizar bem essas tensões, que são necessárias para que a missão *ad gentes* seja assumida de maneira incarnada e atualizada, e a missionariedade das Igrejas locais seja entendida e vivida de maneira integral, não somente olhando para si, mas visando a evangelização da comunidade, da sociedade e do mundo inteiro.

A realização dos eventos. Essas considerações valem também para a realização dos Congressos, onde participaram delegados das diversas igrejas locais do continente. Os processos de preparação envolveram muito mais pessoas, não somente dos organismos missionários e sim outros agentes de pastoral, movimentos, comunidades, entidades etc., para evitar certa “privatização” da missão *ad gentes* por parte de supostos “espertos”. Mesmo discurso deveria valer para o eventos em si, que os delegados pudessem formar uma assembleia plural e sinodal, tanto do ponto de vista do estado eclesial (leigos e leigas, consagrados e consagradas, ministérios ordenados) como do ponto representativo social e étnico dos povos da América.

Uma presença fundamental que faltou em todos os Congressos foram os representantes de outras Igrejas e de outras religiões: ecumenismo e diálogo-interreligioso não podem permanecer somente nas boas intenções, mas precisam mostrar sua efetividade também nesses eventos que têm uma importância simbólica significativa para as nossas Igrejas.

Certamente, a organização dos Cam-Comlas geralmente significou para as igrejas anfitriãs um momento de graça e de forte impacto. Esse impacto, no entanto, nem sempre foi percebido da mesma maneira no continente inteiro: na maioria das vezes as igrejas locais mal se deixaram impactar.

Também precisamos sinalizar que entre um Congresso e outro nem sempre houve continuidade temática. Às vezes prevaleceu a subjetividade da igreja anfitriã, sem ter presente a memória dos outros Cam-Comlas, do que já foi apresentado, debatido e assumido como compromisso. A falta de memória e a pouca articulação deu origem também a eventos com estilo e propostas bem diferentes, nem sempre em linha com a tradição eclesial latino-americana e nem sempre harmonizando o aspecto da animação missionária com a reflexão missionária.

Outro aspecto que necessita ter presente é que as delegações dos diversos países fizeram seus congressos nacionais, regionais e diocesanos, onde refletiram, debateram, celebraram e elaboraram propostas. Nos Cam-Comlas nunca houve um momento para a apresentação das conclusões desses processos: precisamos caminhar mais num sentido participativo e sinodal.

A concretização das propostas. Todos os Cam-Comlas terminaram com uma lista de propostas repetitivas, genéricas e de difícil aplicação. Por exemplo: que todos os seminários e os institutos teológicos tenham o curso de missiologia. Como encaminhar esse propósito? Quando o Papa João Paulo II disse de inserir a animação missionária como elemento primordial na pastoral ordinária das dioceses (RMi 83), nem isso conseguimos que acontecesse de verdade.

Está aqui portanto um desafio para os Cam-Comlas: como e para quem encaminhar propostas concretas que sejam de fato efetivadas, sem por isso renunciar a lançar apelos e desafios as igrejas do continente para que fomentem a animação, a formação e a cooperação missionária *ad gentes*.

Os objetivos do Cam-Comlas. Muito se questiona que apesar de todos esses eventos, a América Latina pouco participa da missão universal da Igreja. Efetivamente, por diversos motivos históricos, pastorais e identitários, as igrejas do continente tiveram uma abordagem introspectiva a respeito da missão: sentiram-se muito mais *destinatárias* da missão universal da Igreja do que *protagonistas*. No entanto, um caminho, no tempo do Espírito, está acontecendo.

A crise de vocações à vida consagrada é geral, e a missão *ad gentes* foi confiada principalmente às congregações religiosas. A Igreja Católica não está preparada para enviar leigos e leigas com suas famílias para contextos exigentes de inserção, assim como fazem os organismos missionários protestantes: esse será um quesito sobre o qual precisará pensar seriamente.

Também é preciso considerar que o modelo da missão cristã moderna que começou com a colonização da América no século XVI, com suas características muito peculiares, parece ter chegado ao fim. Agora se trata de fazer surgir outros modelos a partir de um mundo que não é mais cristão, de uma Igreja que está em permanente estado de missão e que todavia é chamada a ser solidária com todos os povos, proclamando o Evangelho a todas as criaturas.

Os Congressos Americanos Missionários não podem perder essa vocação de ser memória missionária para todas as comunidades cristãs sempre tentadas a se acomodar e a fechar-se em si. A perspectiva de uma Igreja em saída sempre terá como horizontes concretos de seu ser e seu agir todos os confins do mundo e todos os extremos da terra.